

O “cronista” sniper

Hesitei em maçar os leitores do PÚBLICO, deixando Eduardo Cintra Torres (ECT) a falar para com os seus pobres botões, mas depois do texto que ontem arremedou no PÚBLICO, há ainda algo que deve ser dito.

Na sua tentativa de resposta ao meu texto, ECT mostra que continua a não saber do que está a falar. Repito, pois, o que consta do Relatório da ERC sobre as autárquicas: os três candidatos mais votados são os que tiveram maior cobertura e, entre eles, António Costa é o que recolhe os valores mais elevados. Os dados sobre as referências favoráveis e neutras/equilibradas, que não constam do Relatório a não ser em números absolutos e agregados, e que ECT pretendia, não alteram a posição dos candidatos, a não ser, para desgosto seu, no facto de no período oficial da campanha Costa ter à sua frente, com mais referências favoráveis, cinco outros candidatos. A tal “omissão estatística”, afinal, favorecia António Costa, visto que só nesse caso é que ele não está à frente dos outros. Será que ainda não está claro?

Vindo de alguém que se diz investigador, é lamentável que ignore que uma base de dados (no caso, SPSS)

permite cruzamentos quase infundáveis e que, portanto, inevitavelmente, muitos dados ficam de fora, sobretudo quando não alteram resultados já confirmados.

Referindo-se, depois, ao meu texto de resposta ao seu artigo de sábado passado (cujo tom, que pelos vistos tanto lhe alterou os nervos, fica muito aquém do tom persecutório e ofensivo com que ele sempre se refere à ERC e, muito em especial, a dois dos seus membros), ECT invoca a minha condição de “membro de um organismo do Estado” que “devia usar do máximo cuidado com a comunicação”. Traduzindo, o indivíduo entende que a ERC e os seus membros podem ser insultados, acusados de partidarização, governamentalização - em suma, uns vendidos. Podem, também, ver a sua honra e trabalho serem enxovalhados na praça pública, mas, porque integram uma entidade pública, têm que assobiar para o lado, fazer das tripas coração ou, talvez, quem sabe, agradecer os insultos, deixando sem resposta os detractores.

O argumento é, logo à partida, indigente e, *again*, ignorante. Mas, sobretudo, traz ao de cima a cobardia de quem, servindo-se da pena como arma branca, fere, in-



Estrela Serrano

sulta e ofende querendo ter a protecção de nunca levar a devida resposta. Corajoso, não é? É que não só é dever de uma entidade pública defender-se no mesmo terreno em que é atacada e difamada, como os seus membros (falo por mim) não têm os seus direitos diminuídos, entre eles o direito à liberdade de expressão e ao bom-nome, pelo facto de serem membros de um organismo do Estado. ECT acha o contrário e daí tenha estranhado tanto que o PÚBLICO me disponibilizasse um espaço que, pelos vistos, ele considerou excessivo. Elucidativo.

ECT mostra, uma vez mais, que faz política e prossegue objectivos pessoais com análises ditas “independentes”, procurando servir-se da ERC para se promover e atacar e denegrir, sistematicamente, determinados alvos. Coitado, não consegue.

Afinal, invocando várias funções (do crítico ao académico), serve-se de todas elas para, com a honestidade intelectual que se vê, buscar, em exclusivo, interesses próprios, nunca declarados.

De facto, ECT não é sequer um crítico. É um *sniper*. Com a coragem correspondente. *Vogal do conselho regulador da ERC*